

A deficiência visual congênita traz a necessidade de novas adaptações na interação pais/bebê, uma vez que o bebê tem uma interação diferenciada com o mundo, onde outras vias de contato terão de ser ativadas para que se alcance o desenvolvimento. Os bebês com deficiência visual podem parecer passivos por não terem a visão como fonte de auto-motivação (Adelson & Fraiberg, 1974). Os pais são menos estimulados pelo seu bebê através das vias que estão acostumados a utilizar em uma interação (Warren, 1984). Essas características, associadas ao potencial afastamento dos pais devido ao impacto da deficiência do filho e a outras dificuldades podem levar a um ciclo interativo qualitativamente diferente. Dessa forma, o presente estudo objetivou verificar a responsividade na interação pai, mãe e bebê com deficiência visual congênita através de um estudo de caso (Yin, 2005). Para isso, foi filmada, em laboratório, uma tríade pai/mãe/bebê de um ano com deficiência visual em três momentos: pai/bebê, mãe/bebê, pai/mãe/bebê. Os episódios de interação foram transcritos e analisados com base em categorias do comportamento comunicativo dos pais, tais como comportamento verbal para engajar a criança nas atividades, comportamento gestual/afiliativo acompanhando ou substituindo o comportamento verbal, etc, e em categorias do comportamento comunicativo do bebê, tais como atenção compartilhada (mostrar/dar brinquedos), pedidos, olhar, sorriso, imitação, etc. Os protocolos de Bosa (1998) e Souza (2003) foram adaptados para bebês desta faixa etária. Os resultados parciais mostram que os pais apresentam dúvidas quanto aos interesses do bebê para a realização de uma interação responsiva. No entanto, há um esforço em obter informações sobre os interesses e necessidades do bebê através de outras pistas interativas que não as comumente utilizadas pelos bebês videntes.